



PERCEPÇÃO, EMOÇÃO E ESCRITA CRIATIVA

PERCEPCIÓN, EMOCIÓN Y ESCRITURA CREATIVA

PERCEPTION, EMOTION AND CREATIVE WRITING

Elenice Larroza Andersen¹

Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis - SC - Brazil

andersen.elenice@gmail.com

Resumo

Este artigo discute a escrita criativa como um processo que transcende o recurso ao domínio cognitivo, representado pelo conhecimento de técnicas e instrumentos da escrita, para alcançar a experiência perceptual e afetiva do escritor. Partindo de hipóteses da Psicologia Cognitiva (Lazarus, 1984) e das Neurociências (Damásio, 2012 [1994]) sobre a interdependência entre razão e emoção, examina um livro-texto publicado recentemente, em que um experiente escritor e professor brasileiro (Assis Brasil, 2019) versa sobre a criação literária de narrativas de ficção, em busca de índices de estratégias de escrita que se associam à percepção sensorial e à afetividade do escritor. Por meio de uma metodologia de abordagem qualitativa e orientada pelos procedimentos da Análise de Conteúdo, conforme Bardin (2016 [1977]), identifica os índices e os interpreta à luz do referencial teórico, discutindo relações entre as ideias do autor que subsidiam um processo de criação literária com enfoque intrassubjetivo. Conclui que, nos processos criativos de maior expertise e complexidade, mais do que o domínio das técnicas linguísticas e literárias, a compreensão do complexo funcionamento biopsicossocial humano é um fator-chave na escrita de ficção e, possivelmente, uma importante característica de escritores habilidosos.

Palavras-chave: Escrita criativa - Narrativa - Cognição - Percepção - Emoção.

Resumen

Este artículo analiza la escritura creativa como un proceso que trasciende el recurso del dominio cognitivo, representado por el conocimiento de las técnicas e instrumentos de escritura, para lograr la experiencia perceptiva y afectiva del escritor. Basado en hipótesis de Psicología Cognitiva (Lazarus, 1984) y Neurociencias (Damásio, 2012 [1994]) sobre la interdependencia entre razón y emoción, examina un libro de texto recientemente publicado, en el que un experimentado escritor y profesor brasileño (Assis Brasil, 2019) se ocupa de la creación literaria de narrativas de ficción, en busca de índices de estrategias de escritura que se asocien a la percepción sensorial y afectividad del escritor. A través de una metodología de abordaje cualitativo y guiada por los procedimientos de Análisis de Contenido, según Bardin (2016 [1977]), identifica los índices y los interpreta a la luz del marco teórico, discutiendo relaciones entre las ideas del autor que sustentan un proceso de creación literaria, con enfoque intrasubjetivo. Concluye que, en procesos creativos de mayor experiencia y complejidad, en lugar de dominar las técnicas lingüísticas y literarias, comprender el complejo funcionamiento biopsicosocial humano es un factor clave en la escritura de ficción y posiblemente una característica importante de los escritores hábiles.

Abstract

This article discusses creative writing as a process that transcends the recourse to the cognitive domain, represented by the knowledge of writing techniques and instruments, to achieve the writer's perceptual and affective experience. Based on hypotheses from Cognitive Psychology (Lazarus, 1984) and Neurosciences (Damásio, 2012 [1994]) about the interdependence between reason and emotion, it examines a recently published textbook, in which an experienced Brazilian writer and teacher (Assis Brasil, 2019) deals with the literary creation of fiction narratives, in search of indices of writing strategies that are associated with the sensory perception and affectivity. Through a methodology of qualitative approach and guided by the procedures of Content Analysis, according to Bardin (2016 [1977]), it identifies the indexes and interprets them in the light of the theoretical framework, discussing relationships between the author's ideas that support a process of literary creation with intrasubjective approach. It concludes that, in creative processes of greater expertise and complexity, rather than mastering linguistic and literary techniques, understanding the complex human biopsychosocial functioning is a key factor in fiction writing and possibly an important characteristic of skilled writers.

Keywords: Creative writing - Narrative - Cognition - Perception - Emotion.

Recepción: 28-06-2021

Aceptación: 30-10-2021

INTRODUÇÃO

Escrever é uma atividade que envolve processos de natureza diversa que se inter-relacionam. Quando se investiga a escrita experiente, os processos frequentemente examinados na literatura científica incluem a leitura, a memória, a atenção, o planejamento, a revisão, entre outros. Menos frequentes, todavia, são os estudos sobre os processos cognitivos associados aos afetivos.

Os processos afetivos, que envolvem emoções, sentimentos, motivações e humores, foram ignorados por muito tempo, por serem considerados irracionais, incomensuráveis ou simplesmente não esclarecedores (Dukes et al., 2021). Entretanto, pesquisas nas últimas décadas demonstraram o potencial explicativo desses processos para compreender e prever como pensamos e nos comportamos, tornando cada vez mais difícil negar que eles não estão associados apenas ao nosso bem-estar, como também moldam nosso comportamento e impulsionam mecanismos cognitivos essenciais, como atenção, aprendizagem, memória e tomada de decisão (Dukes et al., 2021). De acordo com Damásio (2012 [1994]), a despeito da existência de sistemas neurológicos diferentes para a razão e a emoção, uma vez que as capacidades de processamento do córtex (área do cérebro normalmente associada à razão) e as do subcórtex (área normalmente associada à emoção) são diferentes, pesquisas clínicas com pacientes neurologicamente lesionados demonstram que emoções e sentimentos encontram-se intrincados nas estratégias da razão humana, de modo que certos aspectos dos processos da emoção são indispensáveis para a racionalidade. Nesse sentido, a pesquisa cognitiva atual tem buscado a renovação de seus horizontes, incorporando temas como a emoção em sua relação com a cognição, a percepção e a memória (Eysenck & Keane, 2017), bem como a interação entre os processos sociais e não sociais durante a construção das emoções (Parkinson, 2012).

Reconhecendo a importância dessas diferentes dimensões humanas para um estudo da escrita mais abrangente e integrador, no presente texto abordamos o lugar da afetividade no processo de criação de narrativas, a partir do olhar do escritor e mais experiente professor de escrita criativa do Brasil, Luiz Antônio de Assis Brasil, que, recentemente, publicou a obra *Escrever Ficção - Um Manual de Criação Literária* (Assis Brasil, 2019). Sem a pretensão de esgotar o tema, propomo-nos a investigar índices de estratégias de escrita que se relacionam à mobilização da afetividade do escritor, em um exercício intra e intersubjetivo. Para tanto, começamos por uma breve revisão teórica sobre a tese da interdependência entre cognição e emoção, e suas relações com a percepção sensorial; em seguida, explicitamos os procedimentos metodológicos adotados para o levantamento e análise dos dados; discutimos os índices de afetividade presentes na obra examinada; e, por fim, concluímos com considerações sobre as bases afetivas da escrita

de ficção encontradas no estudo, que podem contribuir para ampliar a compreensão da expertise na escrita e subsidiar os processos criativos de escritores em formação.

1. Cognição e emoção

No campo dos estudos cognitivos atuais que consideram a importância das emoções humanas, é amplamente conhecida a discussão da hipótese da interdependência entre os processamentos cognitivo e emocional, particularmente quanto à indispensabilidade de avaliação cognitiva prévia para a existência de uma emoção. É, ainda, igualmente conhecido o clássico embate teórico entre Lazarus (1984) e Zajonc (1984) sobre a primazia e a independência da emoção em relação à cognição. Para Zajonc (1984), as reações afetivas possuiriam primazia filogenética e ontogenética sobre a cognição. Lazarus (1984), de outra parte, contestou a independência entre cognição e emoção, bem como a primazia desta em relação àquela, argumentando que o domínio de um processamento sobre o outro é indeterminado, pois uma experiência emocional não poderia ser entendida apenas em nível cerebral, mas também como um reflexo da relação da pessoa com sua avaliação subjetiva do ambiente. A atividade cognitiva seria, assim, uma pré-condição necessária para que uma emoção ocorra, já que, para experimentar uma emoção, seria necessário ocorrer uma percepção avaliativa, a atribuição de um significado em que o bem-estar está implicado.

Lazarus (1984) também questiona a concepção dos humores como apenas estados gerais, como tristeza e contentamento, que podem ou não ser considerados emoções, a depender das convenções teóricas. Os sentimentos, segundo ele, referidos frequentemente como maneiras características de uma pessoa avaliar um objeto (pessoa, ideia, coisa) que operam como disposições para reagir emocionalmente a esse objeto, não seriam, em si, as emoções. E estas, comumente conceituadas como uma mistura orgânica de impulsos e expressões corporais, estados cognitivo-afetivos subjetivos diversos, não seriam definíveis apenas por comportamentos, relatos subjetivos ou alterações fisiológicas, de forma isolada, mas por todos esses três componentes necessariamente. Dessa forma, Lazarus (1984) complexifica o processo relacional das diferentes dimensões que constituem o ser humano.

Uma implicação evidente desse pensamento é que preferências sensoriais ou apreciação estética não constituiriam emoções. Para que um estado sensorial se transforme em emoções, seria necessária uma avaliação, muitas vezes automática ou inconsciente, de que esses estados são favoráveis ou prejudiciais ao bem-estar. Quando um evento é reconhecido como agradável ou desagradável, ainda não haveria, portanto, a experimentação das emoções, mas quando há uma percepção de benefício ou prejuízo pessoal, então haveria uma transformação cognitiva e a experiência se tornaria uma

emoção. Sendo assim, a cognição seria uma pré-condição necessária para a emoção, pois quando cognições mudam, emoções também mudam.

Por outro lado, as emoções, embora resultantes da cognição, uma vez provocadas, também a afetariam, influenciando o modo como as pessoas pensam e interpretam os eventos. Essa estreita relação dificultaria, dessarte, a teorização sobre a independência e a precedência de uma sobre a outra, tornando impossível demonstrar que não há o menor traço de avaliação ou de um pensamento quando uma emoção ocorre ou que sempre que uma emoção ocorre foi precedida por um processo de avaliação cognitiva.

A dificuldade teórica leva-o a optar pela indeterminação quanto ao predomínio de um processamento sobre o outro e a considerar pouco frutíferas as abordagens que enfatizam a separação entre o psicológico e o neurofisiológico na conceptualização das emoções e da cognição. Para ele, há fortes evidências de que as emoções são altamente sensíveis às mudanças nas relações ambientais da pessoa e à forma como essas mudanças são avaliadas, e isso tem, em sua visão, a virtude de explicar as influências culturais nas emoções humanas, tanto da perspectiva ontogenética quanto filogenética. Entretanto, ele reconhece a necessidade de se desenvolver uma teoria de forma mais precisa, em especial quanto às condições subjacentes às diversas qualidades e intensidades de emoção, especificando como as formas de avaliação cognitiva ao longo do tempo de vida afetam a propensão a experimentar certas emoções em determinados contextos.

Um dos obstáculos para essa proposição teórica, como atestam Eysenck e Keane (2017), são as limitações inerentes às pesquisas avaliativas. Abordagens avaliativas, como a de Lazarus (1984), que consideram a experiência emocional como determinada pelas avaliações cognitivas do ambiente, precisam envolver a manipulação simultânea de situações e avaliações, o que dificulta a identificação de quais reações ocorreram diretamente como resposta a situações ou indiretamente como resposta às avaliações. Além disso, as teorias de avaliação enfatizam os processos *top-down* na experiência emocional. No entanto, essa experiência é dependente tanto de processos *bottom-up*, isto é, dirigidos por estímulos, envolvendo a atenção e a percepção, quanto de processos *top-down*, que envolvem a avaliação da situação com base nos conhecimentos armazenados de situações semelhantes (Eysenck & Keane, 2017).

Uma proposta teórica alternativa é a abordagem neurobiológica de António Damásio (2012 [1994]). Damásio considera que debates como o de Lazarus (1984) e Zajonc (1984), embora legítimos, podem ser infundáveis. Por isso, o neurocientista opta por outra perspectiva: o organismo humano estaria dotado de mecanismos automáticos de sobrevivência ao qual a educação e a aculturação acrescentariam um conjunto de estratégias de tomada de decisão socialmente desejáveis, que serviriam de base à construção de uma pessoa. O cérebro, dessa maneira, iniciaria seu desenvolvimento

dotado de “impulsos e instintos que incluem não apenas um kit fisiológico para a regulação do metabolismo, mas também dispositivos básicos para fazer face ao conhecimento e ao comportamento social” (Damásio, 2012 [1994], p. 125). Os mecanismos neurais requereriam, assim, a intervenção da sociedade para se tornarem aquilo que se tornam, estando relacionados tanto com uma determinada cultura como com a neurobiologia geral.

Damásio (2012 [1994]) concorda que, em muitas circunstâncias da vida dos seres sociais, as emoções são desencadeadas após um processo mental voluntário de avaliação. Em vista disso, distingue emoções primárias, que consistiriam nas emoções pertencentes a um mecanismo pré-organizado, que resulta em um padrão específico de reação corporal, e as emoções secundárias, que vão sendo construídas em virtude das experiências e que são desencadeadas após um processo mental automático de avaliação. De acordo com o neurocientista, nós estamos programados para reagir com uma emoção de modo pré-organizado quando certas características de estímulos são detectadas individualmente ou em conjunto. Essas características seriam processadas e depois detectadas por um componente do sistema límbico do cérebro que ativa um estado do corpo, característico de uma determinada emoção, e que altera o processamento cognitivo de modo a corresponder a esse estado. Assim, as emoções primárias, inatas, dependeriam da rede de circuitos do sistema límbico, e as emoções secundárias ocorreriam quando começamos a formar ligações sistemáticas entre categorias de objetos e situações e emoções primárias.

De acordo com Damásio (2012 [1984]), em um nível não consciente, redes do córtex pré-frontal reagem automaticamente, como resposta resultante de representações dispositivas que incorporam “conhecimentos relativos à forma como determinados tipos de situações têm sido habitualmente combinados com certas respostas emocionais na sua experiência individual” (Damásio, 2012 [1994], p. 133), de modo que as representações dispositivas não são inatas, mas adquiridas sob a influência das inatas e incorporam a experiência pessoal e única para cada indivíduo ao longo da vida. A resposta das disposições pré-frontais é assinalada de forma não consciente à amígdala e ao cíngulo anterior, que ativam os núcleos do sistema nervoso autônomo e enviam sinais ao corpo por meio dos nervos periféricos e ao sistema motor, além de ativar o sistema endócrino e os núcleos neurotransmissores que liberam as mensagens químicas. Nas emoções secundárias, um estímulo pode atuar diretamente na amígdala, mas também é analisado no processo de pensamento, de maneira que as emoções secundárias utilizam a maquinaria das emoções primárias. Assim, Damásio (2012 [1994]) conclui que:

[...] a emoção é a combinação de um processo avaliatório mental, simples ou complexo, com respostas dispositivas a esse processo, em sua maioria dirigidas ao corpo propriamente dito, resultando num estado emocional do corpo, mas também dirigidas ao próprio cérebro

(núcleos neurotransmissores no tronco cerebral), resultando em alterações mentais adicionais. (Damásio, 2012 [1994], p. 135)

Nessa perspectiva, as emoções humanas são corporificadas e desencadeiam uma série de alterações químicas e orgânicas que têm, entre as suas funções, comunicar nossos estados mentais a outras pessoas, isto é, são a combinação de um processo avaliatório mental com respostas que resultam num estado emocional do corpo (Damásio, 2012 [1994], p. 135). Os seres humanos, assim, estão programados para reagir com uma emoção de modo pré-organizado quando certas características de estímulos são detectadas individualmente ou em conjunto, como, no caso do medo, em que essas características podem ser algo como o tamanho de um animal ou um som determinado. Tais características são processadas e depois detectadas por um componente do sistema límbico do cérebro que ativa um estado do corpo característico de uma determinada emoção e que altera o processamento cognitivo de modo a corresponder a esse estado (Damásio, 2012 [1994], p. 133).

Considerando que nosso organismo é constituído por essas representações inatas e adquiridas, a partir da integração entre biologia e cultura, propomos a hipótese de que escritores experientes devem mobilizar, em alguma medida, essa estrutura de base para poder criar personagens humanos convincentes e persuasivos. Assim, buscamos investigar se o conhecimento sobre e o apelo ao complexo funcionamento biopsicológico que nos constitui pode ser uma peculiaridade da expertise em escrita criativa - lembremos, a propósito, que o próprio Damásio já declarou ser Shakespeare o maior neurocientista -, e se, nessa escrita mais especializada, o escritor mobilizaria as diferentes dimensões de nossa humanidade, e não apenas a racional.

Importa ressaltar que, atualmente, já existe um corpo significativo de estudos sobre as emoções na contraparte da escrita, isto é, na leitura, que aponta para uma estreita e dinâmica interação entre leitura e emoções. Oatley et al. (2011) e Oatley (2016), por exemplo, asseguram que o conhecimento atual nos permite depreender que as emoções são centrais em toda a experiência leitora e que, durante a leitura, o próprio texto atua para evocar e transformar emoções dos leitores. A compreensão de histórias compartilha áreas de ativação cerebral com o processamento de compreensões de outras pessoas, que derivam tanto de processos como inferência, quanto do conteúdo da ficção, que normalmente é sobre personagens humanos e suas interações no mundo social. Além disso, Oatley (2012) argumenta que os efeitos das simulações ficcionais mostram que há validade na maneira como as personagens e as emoções são representados em romances e contos, porque há efeito da leitura de ficção em resultados medidos empiricamente. Assim, em que pese a ausência de um corpo de estudos sobre o tema do ponto de vista do escritor, podemos supor que, se o leitor tem uma experiência emocional na interação com as personagens, escritores devem mobilizar o aparato emocional humano

para criar as personagens que ocasionam tal experiência no leitor. A fim de explorar essa hipótese e contribuir para uma maior compreensão sobre o lugar da afetividade nos processos da escrita criativa, buscamos, a partir das ideias de um escritor e professor brasileiro experiente com a escrita de ficção e com o ensino dessa escrita, investigar a existência de índices de estratégias afetivas na criação literária. Além disso, considerando nosso aparato teórico, propomos que esse lugar pode não ser apenas o de um recurso adicional engendrado pelo escritor, mas, possivelmente, o fator-chave nos processos criativos ficcionais. Antes de discutirmos essa proposta, porém, apresentaremos os procedimentos metodológicos adotados no estudo.

2. Metodologia

A metodologia da pesquisa é qualitativa e orientada pelos procedimentos da Análise de Conteúdo, conforme Bardin (2016 [1977]), para o exame da obra *Escrever Ficção - Um Manual de Criação Literária*, de Assis Brasil (2019), na perspectiva da interdependência entre o domínio cognitivo e o afetivo. Dada a profundidade e extensão da obra, selecionaram-se quatro capítulos para a presente análise, a saber: o primeiro, cujo título aponta diretamente para o tema da humanidade do escritor; o segundo e o terceiro, que apontam diretamente para a criação da personagem; e o sexto, cujo título não apresenta nenhuma relação direta com nosso tema (*Onde aconteceu tudo isso? O espaço*). A organização da análise desses capítulos deu-se em três momentos: (i) pré-análise, com a observação e o recorte dos principais lugares de inscrição da afetividade, isto é, dos excertos que evocam termos e expressões associados a esse campo semântico (considerados a partir de nosso aporte teórico); (ii) exploração do material selecionado, com vistas à análise mais acurada dos termos e expressões, a fim de averiguar se se referiam efetivamente ao campo semântico da afetividade; e (iii) interpretação de quatro excertos selecionados aleatoriamente, com a análise, por inferência, das possíveis relações construídas pelo escritor entre emoções, sentimentos e humores (recorte do domínio afetivo) e conhecimento de técnicas de escrita (recorte do domínio cognitivo), observando, igualmente, as relações com a percepção sensorial, bem como se tais relações se referiam à mobilização da afetividade do escritor (processo intrassubjetivo) e/ou à do leitor (processo intersubjetivo). Esse procedimento interpretativo deu-se pela análise dos termos, na medida em que apareciam nos excertos, porém em relação ao contexto mais amplo, com foco na aferição da hipótese de que escritores experientes devem mobilizar, em alguma medida, a complexa estrutura de base humana, de forma integrada, em seus processos criativos, para criar personagens convincentes e persuasivos. Passemos, portanto, a essa análise e discussão.

3. Escrever Ficção: lugar de afetividade

Luiz Antonio de Assis Brasil e Silva é um escritor e professor universitário que fundou a mais antiga oficina de escrita literária na esfera acadêmica brasileira. A sua proposta de oficina originou, ainda, os prestigiosos cursos de graduação, mestrado e doutorado em escrita criativa na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, instituição universitária localizada em Porto Alegre, no sul do Brasil, onde continua atuando como professor de Escrita Criativa de Ficção, com foco no gênero romance. Foi, também, secretário de cultura naquele estado e autor de artigos históricos e literários para a imprensa. Como escritor, publicou vários títulos, recebendo prêmios por eles, tanto por obras específicas como o romance *A margem imóvel do rio*, quanto pelo conjunto de sua obra. Afora isso, alguns de seus livros foram adaptados para o cinema.

Na obra *Escrever Ficção, um Manual de Criação Literária*, o professor apresenta uma abordagem diferenciada para o processo de escrita de narrativas ficcionais, uma vez que focaliza um aspecto pouco explorado em obras similares, que podemos associar à subjetividade do escritor. Já no título do primeiro capítulo, o professor apresenta a máxima “escrever ficção é exercer a nossa humanidade”, e assume que o fator humano interferirá decisivamente no trabalho com a escrita.

Para o professor, com uma atitude de ousadia da invenção, o ficcionista se valerá desse fator para reportar-se à realidade, o que significa que adentrará nos motivos de suas próprias ações e das ações alheias, a fim de construir situações imaginárias que falem do real. Nesse processo de criação, a partir do fator humano, estaria pressuposta, evidentemente, a mobilização do conhecimento de circunstâncias extraliterárias. Entretanto, para ele, isso não diz respeito apenas ao acúmulo de dados da memória, ou ao nosso conhecimento enciclopédico, mas também ao que remete ao epidérmico, psíquico, pessoal e emocional. Assim, uma boa história resgataria todos esses dados, e caberia ao escritor saber como transformar esses dados em história, e essa história em literatura.

Dessa maneira, podemos perceber que Assis Brasil aponta para uma perspectiva de escrita literária que transcende o domínio de estratégias e técnicas orquestradas racionalmente para atingir a um determinado objetivo. O fazer do escritor requer também - podemos inferir - o uso da estratégia de integrar ao raciocínio as impressões perceptuais e afetivas do escritor. E, para Assis Brasil (2019), é exatamente isso que o leitor procura nas narrativas, personagens que vivam emoções com as quais seja possível identificar-se, que estejam o mais próximo possível de um ser humano real. A tarefa do escritor, por conseguinte, mais do que criar personagens, é criar pessoas vivas.

Esse recurso à subjetividade, fundado no resgate do conhecimento do humano em suas diferentes dimensões para o fazer criativo do escritor, é destacado já no início de seu texto:

Como qualquer ser humano, você está sujeito a mil situações na vida que passam por seu estômago, cérebro, pulmões, espírito, pela torneira que emperra, pelo erro do troco no supermercado, pela perda do celular, pela atenção às pessoas com quem você compartilha a casa e, ainda, pelo problema de decidir-se, antes que seja tarde, a respeito da existência de Deus.

Como você também é ficcionista terá uma experiência muito pessoal, complexa e elíptica de tudo isso [...] também é verdadeiro que, apesar disso, dedicamos o melhor de nossa capacidade intelectual e afetiva à ficção [...] (Assis Brasil, 2019, p. 13).

Contudo, nesse percurso subjetivo do escritor, também estaria implicada a estratégia de mobilização da experiência pessoal em interação com a experiência social. Assis Brasil (2019) ressalta que o escritor também precisa saber colocar-se no lugar das pessoas ante determinadas situações da vida, a fim de conseguir recuperar em sua mente os atributos que interessem à história. E essas situações, em seu entender, passam pelo corpo, pelos sentidos e pelos sentimentos próprios e alheios, de modo que, podemos depreender, é também no exercício de aproximar-se do outro que o escritor encontrará aquilo que lhe permite criar ficção. A criação de personagens, portanto, transcende o conhecimento de técnicas da escrita para alcançar a experiência intra e intersubjetiva do escritor, em um complexo processo que integra ao raciocínio as emoções primárias e sociais, incluindo as percepções sensoriais a elas vinculadas.

Embora a discussão sobre a personagem seja um lugar mais evidente para a inscrição da afetividade do escritor, também encontramos em Assis Brasil (2019) índices de estratégias afetivas que não se encerram na caracterização dos atributos da personagem, mas estão enleadas na construção da avaliação que esta faz do ambiente. O professor permite-nos compreender que também na criação do espaço há lugar para a afetividade, amplificada pelo recurso aos estados perceptuais (sensoriais, corpóreos). Conforme defende o professor, os sentidos clássicos (visão, audição, tato, paladar e olfato), bem como os sentidos propostos pelos fisiologistas modernos, como a dor, a fome, a temperatura corporal, entre outros, são sensações corpóreas que deveriam interessar aos ficcionistas, porque sentimos tudo isso em nosso corpo.

Ainda que não pretenda discorrer sobre os fatores fisiológicos - o próprio autor ressalta que, uma vez internas, as sensações corpóreas entram como clandestinas em sua reflexão - é tácito, para ele, que o ficcionista deve saber aproveitá-los. Esses fatores, como argumenta, estão, há muito, na literatura, ainda que não explorados em todas as suas potencialidades². Desde o Romantismo, a projeção dos sentimentos³ no espaço está presente, havendo, portanto, uma persistência centenária desse recurso ainda

proveitoso, segundo o autor, se o tom dominante guardar a marca da atualidade. O trabalho com a linguagem envolveria a estratégia de “fazer sentido”, em que as imagens conotativas voltam-se para a raiz das questões humanas da personagem no processo de criação, e o recurso aos domínios perceptual e afetivo serviria como ponto de apoio para esse processo. Por isso, ele recomenda integrar à narração a descrição de um espaço maleável conforme as percepções da personagem (aquela personagem viva, não nos esqueçamos!) como um lugar de projeção de seus sentimentos, em que a percepção sensorial interatua com as emoções. Logo, “[...] nenhum espaço pode ser inocente e sempre será uma *construção* [...]” (Assis Brasil, 2019, p. 282, grifo do autor). Percebemos, a partir disso, que há evocação das dimensões afetiva e perceptual em diferentes lugares da obra, permitindo-nos compreender que o fazer criativo da ficção como um todo pode advir de constantes movimentos entre o afeto e o corpo.

Evidentemente, como ressalva Assis Brasil, isso não é tudo. O que acontece numa narrativa também deverá ter uma razão literária, ou seja, deve cooperar para a construção de um sentido, que consubstanciará a necessária profundidade da personagem. A narrativa só convencerá o leitor quando tudo que há nela existe porque a personagem faz com que as coisas aconteçam. Sendo assim, o exercício do extraliterário também não prescinde do conhecimento cognitivo das técnicas cognitivas da escrita, de modo que o racional, o afetivo e o corpóreo, em um exercício intra e intersubjetivo, são postos em relação de interdependência no processo de criação de personagens vivas, apontando para a validade de nossa hipótese inicial, consoante a vertente teórica que assumimos.

Com efeito, podemos depreender, a partir das ideias do professor, que a escrita criativa é um exercício de resgate dos nossos anseios congênitos, sustentados pela complexa interdependência entre avaliação cognitiva, percepção e emoções do eu e do outro. E, justamente por isso, podemos entender por que um escritor experiente não menospreza essa complexidade em seu fazer artístico. Com a habilidade estratégica de reconhecer as questões humanas mais intrínsecas, ou a “questão essencial da personagem”, conforme define Assis Brasil (2019), como, por exemplo, a dificuldade de lidar com a tristeza ou a necessidade de amor, e de abordá-las com o recurso à interdependência das diferentes dimensões do humano, o escritor saberá dar vida à sua narrativa.

CONCLUSÃO

Este estudo teve por objetivo propor um olhar para a escrita criativa como um processo que transcende o domínio cognitivo do conhecimento de técnicas e instrumentos da escrita para alcançar a experiência afetiva do escritor, a partir das ideias de Assis Brasil (2019), presentes na obra *Escrever Ficção – Um Manual de Criação Literária*. Partindo da hipótese da interdependência entre razão e emoção (Damásio, 2012 [1994]) no

fazer literário de escritores experientes, buscamos investigar índices que permitissem compreender o lugar da afetividade nas estratégias de criação. Com a análise, pudemos observar que diferentes dimensões humanas estão presentes nas ideias do escritor, de forma integrada, a partir do resgate da experiência intra e intersubjetiva, e constatamos que esse recurso foi proeminente no material examinado. A partir dos índices encontrados nessa análise ilustrativa e não exaustiva, podemos considerar que a hipótese da pesquisa é promissora para a continuidade do estudo, tanto por meio da ampliação do recorte, como pela comparação com as ideias de outros escritores experientes. Esperamos, com isso, contribuir para a pesquisa sobre os processos criativos na expertise em escrita e para a formação de escritores em oficinas de escrita criativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Assis Brasil, L. A. (2019). *Escrever ficção. Um manual de criação literária*. Companhia das Letras.
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Damásio, A. (2012). *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. Companhia das Letras.
- Dukes, D.; Abrams, K.; Adolphs, R.; Ahmed, M.; Beatty, A.; Berridge, K.; Broomhall, S.; Brosch, T.; Campos, J.; Clay, Z.; Clément, F.; Cunningham, W.; Damásio, A.; Damasio, H.; D'Arms, J.; Davidson, J.; Gelder, B.; Deonna, J.; Sousa, R.; Sander, D. (2021). The rise of affectivism. *Nature Human Behaviour*, 5, 816–820.
- Eysenck, M.; Keane, M. (2017). *Manual de Psicologia Cognitiva*. Artmed.
- Lazarus, R. (1984). On the Primacy of Cognition. *American Psychologist*, 39(2), 124-129.
- Oatley, K.; Mar, R.; Djikic, M.; Mullin, J. (2011). Emotion and narrative fiction: Interactive influences before, during, and after reading. *Cognition and emotion*. n. 25(5), 818-833.
- Oatley, K. (2012). The cognitive science of fiction. *WIREs Cognitive Sciences*, 4(3), 425-430.
- Oatley, K. (2016). Fiction: Simulation of Social Worlds. *Trends in Cognitive Sciences*, 20(8), 618-628.
- Parkinson, B. (2012). Missing Pieces in the Emotion Construction Kit. *Emotion Review*, 4(3), 305–306.
- Zajonc, R. B. (1984). On the primacy of affect. *American Psychologist*, 39, 117-123.

¹ Professora Associada, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pós-Doutora em Letras/Escrita Criativa.

² Observemos que Assis Brasil (2019) entende que a tradição literária insiste em privilegiar apenas dois sentidos: a visão e a audição.

³ A integração entre corpo e emoções pode ser comprovada a partir de pesquisas neurofisiológicas recentes. O neurocientista António Damásio (2012 [1994]) afirma que as emoções humanas são corporificadas e desencadeiam uma série de alterações químicas e orgânicas que têm, entre as suas funções, comunicar nossos estados mentais a outras pessoas. De acordo com o cientista, as emoções podem ser entendidas, em linhas gerais, como a combinação de um processo avaliatório mental com respostas dispositivas a esse processo, que resultam num estado emocional do corpo (DAMÁSIO, 2012 [1994], p. 135).